



Perspetivas dos Jovens sobre Educação Inclusiva

**Audição no Parlamento Europeu
Bruxelas, Novembro 2011**



Perspetivas dos Jovens sobre Educação Inclusiva

**Audição no Parlamento Europeu
Bruxelas, novembro 2011**

**Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação
Especial**



A Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial é uma organização independente, apoiada pelos países membros e pelas instituições europeias (Comissão e Parlamento).

As opiniões expressas neste documento não representam, necessariamente, a posição oficial da Agência, dos seus países membros ou da Comissão. A Comissão não pode ser responsabilizada pela utilização que possa ser feita das informações contidas neste documento.

Editor: Victoria Soriano, Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial

São permitidos excertos deste documento desde que devidamente referenciada a fonte, da seguinte forma: Agência Europeia para o desenvolvimento da Educação Especial, 2012. *Perspetivas dos Jovens sobre Educação Inclusiva*, Odense, Denmark: European Agency for Development in Special Needs Education.

Para garantir o acesso à informação, o relatório está disponível, em formato eletrónico e em 22 línguas, no *website* da Agência: www.european-agency.org

ISBN: 978-87-7110-404-2 (Eletrónico)

ISBN: 978-87-7110-382-3 (Impresso)

© **European Agency for Development in Special Needs Education 2012**

Secretariado
Østre Stationsvej 33
DK-5000 Odense C Denmark
Tel: +45 64 41 00 20
secretariat@european-agency.org

Delegação em Bruxelas
3 Avenue Palmerston
BE-1000 Brussels Belgium
Tel: +32 2 280 33 59
brussels.office@european-agency.org

www.european-agency.org



Education and Culture DG

Lifelong Learning Programme

A produção deste documento foi apoiada pela DG de Educação e Cultura da Comissão Europeia:
http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/index_en.htm



ÍNDICE

PREFÁCIO	5
INTRODUÇÃO	7
IDEIAS DOS JOVENS DELEGADOS	11
Na tua opinião, o que é educação inclusiva?.....	11
Podes descrever de que forma a educação inclusiva é, ou devia ser atingida, na prática, na tua escola?	14
Na tua opinião, quais são os principais benefícios e desafios que a educação inclusiva traz ou devia trazer para a tua educação?	22
Comentários e propostas	30
COM OS OLHOS POSTOS NO PASSADO E NO FUTURO	33
JOVENS DELEGADOS NA AUDIÇÃO NO PARLAMENTO EUROPEU 2011	36



PREFÁCIO

Em Novembro de 2011, a Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial teve o prazer e a honra de, uma vez mais, organizar uma Audição Europeia. Teve lugar no Parlamento Europeu, em Bruxelas, e envolveu jovens com necessidades educativas especiais e/ou incapacidades, dos ensinos secundário e profissional, que discutiram o que a educação inclusiva significa para eles próprios.

Foi a terceira Audição organizada pela Agência. A primeira, “Audição Europeia de Jovens com Necessidades Educativas Especiais”, teve lugar em 2003, no Parlamento Europeu, em Bruxelas, e contou com 23 delegações. Foi apoiada pelos Ministérios da Educação e pela Comissão Europeia, no âmbito do Ano Europeu da Pessoa com Deficiência. O segundo evento, “Vozes Jovens: Ao Encontro da Diversidade na Educação”, teve lugar em 2007, na Assembleia da República, em Lisboa, no âmbito da Presidência Portuguesa da União Europeia, e envolveu 29 delegações.

Na organização da Audição de 2011 participaram todos os países membros da Agência e nela participaram 88 jovens de 31 delegações.

A Audição teve por objetivo ouvir as perspetivas dos jovens e considerar os progressos na educação inclusiva, verificados nos respetivos países, desde a Audição Parlamentar em 2007.

Cada um dos jovens salientou, com base na sua experiência pessoal, as questões mais significativas relativas à implementação da educação inclusiva, os benefícios e os desafios. A importância da educação inclusiva foi repetidamente mencionada nos debates sendo, claramente, um tema comum na vida escolar dos jovens.

Agradecemos a todos os países membros o precioso apoio, antes, durante e depois da Audição. Agradecemos igualmente aos representantes oficiais que participaram nas sessões de abertura e de encerramento e que moderaram a sessão de apresentação dos resultados: Mr. Milan Zver, Membro do Parlamento Europeu; Mr. Harald Hartung e Ms. Ana Magraner da Comissão Europeia; Mr. Jerzy Barski, da Presidência Polaca da União europeia; Ms. Emilia Wojdyła, Diretora Adjunta da Educação da Polónia; Ms. Aleksandra



Posarac do Banco Mundial e Ms Karí Brustad do Ministério da Educação da Noruega.

Agradeço ainda às 88 delegações, famílias, acompanhantes, professores e pessoas de apoio. Sem a sua participação, o evento nunca teria sido possível e a Agência trabalhará para garantir que as suas perspectivas não sejam esquecidas.

Per Ch. Gunnvall
Presidente

Cor J.W. Meijer
Diretor



INTRODUÇÃO

A 7 de Novembro de 2011, 88 jovens de 31 delegações¹ apresentaram, no Parlamento Europeu, as suas perspetivas sobre a educação inclusiva. Foi a terceira vez que a Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial organizou este evento a nível Europeu.

A finalidade da Audição foi, uma vez mais, envolver jovens entre os 14 e os 19 anos, em debates sobre a educação inclusiva. Cada país membro designou dois jovens com necessidades educativas especiais e/ou com deficiência e um sem, dos ensinamentos secundário e profissional. Importa sublinhar que as delegações representavam um vasto leque de diferentes necessidades, mas a maioria dos jovens veio de escolas regulares e participou na Audição com os seus colegas de turma.

O evento pretendeu dar a jovens europeus, a oportunidade de fazerem ouvir as suas vozes. Facultou-lhe uma plataforma para expressarem os seus próprios pontos de vista sobre a sua educação, para explicarem as suas necessidades, e para partilharem os seus desejos para o futuro. A Audição permitiu que os jovens partilhassem as suas experiências pessoais e discutissem o que, para eles, significa a educação inclusiva e o que esta trouxe às suas vidas.

Tal como em 2007, os jovens receberam, previamente à Audição, um documento preparatório com questões para reflexão e debate nos seus contextos educativos. No domingo, 6 de novembro, os jovens delegados participaram em sete grupos de trabalho nos quais discutiram aquelas questões, contribuindo com comentários e propostas, e prepararam uma síntese das discussões a apresentar no dia seguinte no Parlamento Europeu.

As questões em discussão foram as seguintes:

- Na tua opinião, o que é educação inclusiva?

¹ Alemanha, Áustria, Bélgica (comunidades Francófona e Flamenga), Chipre, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Islândia, Itália, Letónia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido (Escócia, Inglaterra, Irlanda do Norte e País de Gales) e República Checa, Suécia, Suíça



- Podes descrever de que forma a educação inclusiva é, ou devia ser atingida, na prática, na tua escola? Por exemplo, como está organizada a turma, quais os programas em curso, que tipo de apoios existem, etc.
- Na tua opinião, quais os principais benefícios e desafios que a educação inclusiva traz ou devia trazer para a tua educação?
- Quer fazer mais algum comentário?

Uma síntese das discussões dos jovens delegados foram apresentadas no Parlamento Europeu e os respetivos resultados constituem a base deste relatório.

As páginas que se seguem apresentam, detalhadamente, as ideias e questões que os jovens delegados partilharam e acordaram. Desde logo, é evidente a maturidade e a profundidade das discussões. Não é necessário “interpretar” o que disseram, apenas recordar os seus comentários e sugestões. As ideias e propostas de cada grupo são apresentadas sem referência expressa ao nível de ensino (secundário ou profissional) dos jovens delegados, ou se têm ou não uma necessidade educativa especial. As ideias estão, antes, agrupadas de acordo com as quatro questões acima listadas: o que é educação inclusiva; como está implementada na prática; benefícios e desafios; comentários. Foram utilizadas, na medida do possível, as palavras e as frases originais dos jovens delegados. Foram feitas muito poucas alterações.

Um conjunto de questões e de temas comuns estiveram presentes nas discussões de todos os grupos. Foram eles:

- O direito a uma educação de qualidade e à igualdade de oportunidades na educação;
- O combate à discriminação;
- A disponibilização do apoio necessário;
- A eliminação das barreiras existentes de ordem física, social e educacional;
- O benefício mútuo que a educação inclusiva pode oferecer a todos os alunos.

Adicionalmente às questões preparatórias, foi pedido a cada delegação que preparasse um *poster* que ilustrasse a forma como a educação inclusiva é percebida nas suas escolas. Para criar os



posters, foi usado todo o tipo de materiais – visual, tátil e sonoro. Os *posters* foram expostos, durante a Audição, no espaço exterior à sala de reuniões do Parlamento Europeu e estão, atualmente, disponíveis na publicação “Coleção de *Posters*”, com uma breve descrição e informação sobre os jovens delegados e respectivas escolas.

Toda a informação sobre a Audição 2011 pode ser encontrada no *website* da Agência: <http://www.european-agency.org/agency-projects/european-hearing-2011>



IDEIAS DOS JOVENS DELEGADOS

Na tua opinião, o que é educação inclusiva?

Os jovens delegados discutiram direitos – o direito a uma educação de qualidade, à escolha, à igualdade e ao respeito. Reconheceram que a educação inclusiva não é apenas estar em conjunto no mesmo lugar, mas ter amigos e boas relações com os colegas.

Levantaram a questão sobre se a educação inclusiva é benéfica para todos: dá a oportunidade de aprender e de trocar experiências. Realçaram a importância do papel dos professores e dos colegas e sublinharam que a educação inclusiva é o primeiro passo para se tornarem membros de pleno direito da sociedade.

Aqui ficam algumas das suas ideias:

Todos têm o direito a estudar. Estudar e ter acesso a uma educação de qualidade é um direito humano. Se alguém tem um problema, necessita de orientação. A inclusão é feita por toda a comunidade: família, escola, etc. Se és diferente, tens direito ao apoio, não interessa qual é a tua diferença (Dagur).

Educação inclusiva é estar/aprender em conjunto. Nós somos todos iguais e nós somos todos diferentes; temos o direito a escolher o que queremos fazer – os conteúdos, a forma como são ensinados (James). Educação inclusiva é ter oportunidade de escolher a nossa educação (John, Nana-Marie).

Educação inclusiva significa todos estarem na mesma escola e na mesma turma (Fé, Josette, Kanivar). É ter aulas numa escola regular; ter amigos, não apenas aprender juntos; é participar em todas as atividades. Mas, é também falar de unidades especiais em escolas regulares; ter a possibilidade de frequentar aulas em pequenos grupos com outros alunos com necessidades semelhantes (Michalis, Andreani, Maria).

Educação inclusiva é para todas as crianças. As escolas regulares devem estar perto das suas residências. Esta experiência permite encontrar as pessoas vizinhas (Wacław).

Educação inclusiva é fazer parte da turma “normal” e ser “normal”. Todos estão incluídos. É um jovem com incapacidade sentir-se bem-vindo na turma e respeitado pelos alunos sem necessidades



especiais. Numa “turma normal”, se os alunos têm outras necessidades, por exemplo, necessidade de um intérprete de língua gestual, a escola tem que o disponibilizar. A ideia é a de que todos podem participar (Lise).

Não se trata apenas de ser parte de uma escola normal; é ser parte da sociedade. Toda a pessoa com deficiência tem o direito a ser ensinada numa escola normal, se assim o entender, e se for capaz. Se não for capaz, tem de lhe ser dada uma opção (Jere). Trata-se do direito a ser incluído, com opções, mas a ser sempre incluído na sociedade (Fabian, Pedro, Diogo, Josette).

Inclusão significa respeito, novos amigos e nova informação em todas as áreas de vida (Rolands).

A educação inclusiva é uma abordagem ampla; não se trata apenas de boas notas, mas de bons contatos sociais e de relacionamentos. A escola é mais do que aprender a partir de livros – é estabelecer relações sociais. Educação inclusiva não diz respeito apenas à escola mas à comunidade em geral (Bethany, Gemma, Sophie).

É aprender a viver juntos respeitando todos, com e sem deficiência (Emile). Seja qual for a raça, o género, a necessidade especial, todos se apoiam e se ajudam uns aos outros. Para mim, é um princípio fundamental de uma sociedade solidária (Maria). É importante que nos aceitemos uns aos outros, mesmo se tivermos uma necessidade especial ou uma cultura ou religião diferentes (Francesco). Trata-se de pessoas nas escolas a aprender sobre diferentes necessidades especiais, especialmente daquelas que não são visíveis (Mathias). A educação inclusiva não diz respeito apenas a deficiências ou a doenças, mas a diferentes origens culturais, etc. (Elin).

Todos os membros da comunidade escolar devem tratar-se com respeito. Aceitar e respeitar o outro. É aqui que tudo começa. A educação inclusiva precisa do contributo dos alunos e dos professores (Barbara, Mirjam, Triin).

O ponto de partida para a educação inclusiva é a sensibilização e a formação de professores (Sophie e Gemma). Os professores devem compreender o que cada aluno precisa e dar-lhe oportunidade de atingir os objetivos, com sucesso. Todos temos talentos, juntos construímos uma melhor comunidade de trabalho (Klara).



Os professores devem ser para todos. A educação inclusiva requer recursos adicionais, como tempo e dinheiro, mas cada aluno deve ter a educação que quer (Philipp). A educação inclusiva ajuda a desenvolver as competências nas áreas em que são bons e naquelas em que têm dificuldades (João). Educação inclusiva também significa ter os materiais necessários (Carlo, Melania).

O foco é, muitas vezes, colocado em coisas práticas (como edifícios), mas a inclusão é, fundamentalmente, uma questão de atitude. Todos devem pensar sobre diferentes deficiências, sem discriminar ou dividir. Sobre isto, há muito trabalho a fazer, entre professores e alunos, para encontrar talentos e possibilidades. A divisão por deficiência leva a maiores obstáculos (Mei Lan).

A educação inclusiva significa derrubar barreiras (Wessel). Temos de remover barreiras no sentido mais amplo; é preciso mudar a mentalidade das pessoas (Jens). Todos têm direito a uma boa educação, alguns precisam de mais apoio do que outros, mas os direitos de cada um devem ser atendidos (Francesco).

A educação inclusiva é o êxito da inclusão de alunos com deficiências (Daniel).





Podes descrever de que forma a educação inclusiva é, ou devia ser atingida, na prática, na tua escola?

Os jovens delegados descreveram algumas características dos seus contextos educativos e expressaram as suas preocupações.

Aqui ficam os seus contributos:

Na minha escola existem programas especiais para crianças com deficiência, com salas especiais onde recebem apoio. Estão Assistentes lá com eles e, às vezes, os alunos também estão com todos na sala de aula, se é melhor para eles. Os alunos em cadeiras de rodas têm os locais mais adequados na sala de aula. Tenho DAH (défice de atenção e hiperatividade) e preciso de sair da sala de vez em quando. Isso é algo que os outros alunos não entendem (Dagur).

Penso que os alunos se sentem muito bem integrados; os professores ajudam-nos, se necessário, e os outros alunos também (Claudia). Ajuda a sentirmo-nos como todos os outros (Claudia, Chiara, Yohana). Eu estou numa escola profissional de restauração; eu estou com os meus amigos. Na minha turma há uma pessoa de apoio especial, mas ela ajuda todos. Às vezes também há alunos invejosos, mas é muito raro (Chiara). Às vezes, os alunos com deficiência são levados para fora da classe, se necessário (Yohana).

A inclusão começa no jardim-de-infância. Existem reuniões com todos (professores, pais, alunos): a situação, tal como está, é boa? Onde é que precisa de ajuda? Se a situação é boa para todos, o aluno permanece na turma. No início do ano, a turma está preparada para ter um aluno com deficiência – todos são informados sobre o tipo de deficiência do aluno. Na nossa escola, as pessoas escolhem onde querem estar. No nosso país existe uma organização que fornece materiais especiais e tecnologias de informação. A escola pode pedir as ajudas técnicas a essa organização e os alunos podem levá-las para casa. Quando deixam de precisar dessas ajudas técnicas, estas podem ser usadas por outros alunos nas mesmas ou noutras escolas. É muito importante ter ajudas técnicas e apoio (Melania, Carlo).

Eu estou numa escola de restauração. Há dois departamentos separados na escola, um para alunos com deficiência e outro para os alunos sem deficiência. Estou no departamento para alunos com deficiência, mas eu preferiria estar no outro com todos os outros. Acho que os alunos devem ter a opção de estar onde se sentem



melhor. No meu país, as instalações escolares não são desenhadas para pessoas com deficiência; alunos em cadeira de rodas não podem estudar lá. Algo precisa ser feito pelo governo. Além disso, não há pessoal suficiente. Antes era muito difícil para mim; no meu país, os homens tinham de ser fortes e os homens com deficiência eram fracos e não muito bem vistos, mas agora está a ficar melhor. Estar na escola faz-me sentir mais forte e corajoso; agora é mais fácil para mim comunicar com os outros (Arturas).

Eu estou no sector da restauração, tenho aulas de culinária, aulas de restauração, aulas de servir à mesa, etc. O objetivo é conseguir um emprego no sector da restauração, mas é difícil; as pessoas com deficiência são, por vezes, mal tratadas. Ainda precisam de ser feitas muitas mudanças. O currículo nacional, às vezes, pode ser confuso para os alunos com deficiência. Os professores estão preocupados com os exames nacionais e não prestam atenção suficiente aos alunos que precisam de mais ajuda (Stefanos).

Eu estou numa escola regular, numa turma com nove alunos com deficiência. Os professores têm os dois tipos de alunos. Às vezes sinto-me um pouco segregado, porque preciso de pedir aos professores para estar com os outros. Estou com os outros alunos quando almoçam. Tenho um currículo especial, uma programação especial num programa especializado (Audrey).

No início do ensino secundário, eu tinha apenas duas escolas para escolher – não havia pessoal suficiente com formação para ensinar alunos com deficiências. Eu tenho uma experiência positiva com dois professores – eu tinha um professor e, agora, o novo explica de uma maneira melhor. Na escola deveria ser montado um elevador (Zsofia).

Eu estudei num programa especial com os mesmos professores ao longo dos anos. Agora, na nova escola, não estou num programa especial e eu estou a ter sucesso. Mas os professores não têm formação e não têm número suficiente de horas de trabalho; em Matemática há 28 alunos na turma com um professor; há falta de pessoal. Na escola há muitas pessoas com dificuldades de aprendizagem. Foi decidido que nas escolas os jovens recebam apenas ensino em conteúdos vocacionais (por exemplo, limpeza), não tendo possibilidade de estudar conteúdos académicos (como Matemática, etc.) As turmas são muito grandes porque não há verba suficiente para criar mais. Faltam elevadores (Ingre).



As competências básicas são ensinadas na escola. Fui colocado numa turma “ponte” e percebi que não podia frequentar puericultura. Eu quero ter aulas no mesmo nível que qualquer outra pessoa, mesmo que minhas notas sejam mais baixas. No meu país há grande apoio; as pessoas podem frequentar os conteúdos que pretendem ou obter o Certificado Geral de Educação Secundária. Mas, é injusto que nem todos recebam o mesmo apoio (Leanne).

Eu sabia que podia aprender vários assuntos e tinha de o dizer e de o provar junto dos professores, que não acreditavam em mim; senti-me desrespeitado. Somos todos iguais, todos temos problemas. Cada professor tem uma opinião diferente, eles explicam as coisas de forma diferente – isto é confuso (Roland).

A minha escola precisa de ter um programa mais flexível, baseado no que é mais significativo para o aluno. É importante sair da sala de aula por um período de tempo curto, ter intervalos curtos, ter um lugar para descansar e relaxar (João).

Eu frequento uma escola regular do ensino secundário. Acho que é necessário melhorar os métodos de ensino; ter mais tecnologia, recursos visuais e exames diferentes (Andreani).

Eu frequento uma unidade especial. São necessários mais assistentes e os alunos com as mesmas dificuldades deviam estar no mesmo grupo. Devemos praticar desporto e sentirmo-nos seguros e satisfeitos (Michalis).

Nós frequentamos uma escola pública secundária. Gostávamos que houvesse turmas diferentes para níveis diferentes e mais opções. Gostávamos de ter as mesmas turmas para pessoas com a mesma deficiência (Elmo e Kanivar).

Nós frequentamos a mesma escola regular do ensino secundário (Pedro e Fabian). Eu gostava de ter mais pessoas com deficiência na escola para que as pessoas se pudessem compreender melhor umas às outras (Pedro). O refeitório devia ser melhorado. Gostava de aprender mais e melhor (Fabian).

Eu frequento uma escola regular de ensino secundário. A escola deve ser adaptada e os professores devem ser preparados (Aure).

Eu frequento uma escola regular do ensino secundário. Penso que devia haver pessoas com deficiência nas escolas, a fim de as entender melhor; não há nenhuma na minha escola (Fé).



Nós frequentamos uma escola regular do ensino público (Sam e Charlotte).

É importante que seja disponibilizado apoio à aprendizagem. Mas os professores são autoritários e tomam decisões sem perguntar. Um departamento de apoio à aprendizagem é benéfico, mas nem sempre é bom (Sam).

Eu frequento uma escola especial e sinto-me bem. Há necessidade de elevadores nas escolas – muitas vezes faltam (Jere).

Eu frequento uma escola secundária (gymnasium). Tenho bons professores e não sei o que poderia ser melhorado (Maria).

Nós frequentamos uma escola de 2º e 3º ciclos. A escola tem intérpretes de língua gestual, elevadores e sinais luminosos para indicar os intervalos. É preciso haver mais tecnologia e uma mudança na mentalidade dos professores e dos alunos (Diogo e Josette).

Na minha turma havia um aluno com NEE que não se sentia feliz na classe (“ele não estava a aprender nada”) mas, há outro amigo na minha escola secundária que sente que a educação inclusiva é uma experiência muito boa e útil. Na minha turma há um professor e um acompanhante. O segundo é muito útil. Cada pessoa deve saber o que é melhor para si própria (Nika).

Eu tenho um assistente e sinto-me bem porque segue o que eu digo. Se estamos a falar de turmas apenas com pessoas com NEE, será bom que sejam mais pequenas. Estou numa escola especial e sinto-me feliz lá, porque sinto que os professores compreendem os alunos com NEE. Mas acho que é melhor que os alunos com NEE frequentem uma turma normal com ajuda (Domen).

No meu país, uma turma normal tem 26 alunos e eu queria estar numa turma normal. Na turma regular os outros alunos dizem-me “não faças isso”. É bom fazer o que é normal no mundo normal. Eu sinto que é mais difícil porque tenho equipamentos especiais que levam muito tempo, mas sinto que é bom ter amigos que podem ver e ajudar. Todos os alunos têm direito ao apoio e à ajuda dos seus professores depois das aulas, por exemplo, durante a hora do almoço. O professor e os alunos na minha sala de aula sabem como trabalhar comigo. Eu sei que existe um centro que presta apoio aos professores (Sofie).



Deves escolher se queres educação inclusiva ou uma atenção a tempo inteiro e, se decidires pela segunda opção, estarás melhor numa turma mais pequena. Eu participo num projeto que presta informação sobre as pessoas com deficiência na educação. O projeto tem por base alunos que fazem formação a alunos e professores que fazem formação a professores (Laima).

Estou feliz por ter dois professores; um deles está a ajudar-me. Eu participei num projeto em que todos podem assistir a filmes e depois falar sobre os problemas num grupo de discussão. Eu tenho o apoio de um assistente para fazer o meu trabalho de casa (Waclaw).

Eu sinto que estou numa situação normal, tendo dois professores na minha turma (Orlando).

É importante ter o apoio de uma terapeuta da fala. Eu contacto com os meus professores através de SMS e por e-mail com a minha terapeuta da fala. Os professores às vezes esquecem-se que eu preciso de fazer leitura labial quando o meu tradutor não está na turma; viram-se de costas para mim enquanto falam e usam vocabulário difícil que eu não entendo (Meryem).

Eu tenho a experiência de estar numa escola onde as crianças com NEE estão incluídas. A minha escola está preparada para elas. Os alunos também se ajudam uns aos outros sem “ter que” – eles simplesmente “fazem” (Edgars).

Eu tenho melhor apoio de reabilitação e de aconselhamento no centro especial do que na minha escola regular mas questiono como é com aqueles que têm deficiências mais severas. Eu frequento uma escola especial porque a escola mais próxima não era o melhor para mim (Tuomas).

Eu sinto que estar com outros alunos que têm as mesmas necessidades me faz sentir normal com os meus colegas. Estou numa turma de 8 alunos e todos têm deficiência auditiva (Kamilla).

Na minha escola “inclusiva” senti-me intimidado pelos outros alunos. Eu gosto que na minha escola especial haja muitos computadores disponíveis numa sala específica, aberta ao fim da tarde para que os alunos completem o seu trabalho de casa (Rebeca).

Os professores, por vezes, apenas se concentram nas coisas que não posso fazer, não nas minhas capacidades (Pórdur).



Estou na escola regular e há alunos com síndrome de Asperger na turma (Marie).

Na nossa escola há pessoas com deficiências visuais e algumas são pessoas cegas. Temos professores de ensino especial na escola. Nas aulas de matemática temos um professor de ensino especial que ajuda pequenos grupos de alunos com deficiência visual. A tecnologia Braille é muito importante (Dean, Robert). Nós temos funcionários dedicados que cuidam das necessidades dos jovens com deficiência (Daniel).

No meu país, os utilizadores de cadeiras de rodas têm assistentes especiais e também há características arquitetónicas especiais, como rampas e manípulos para os ajudar. Na minha escola, os professores estão conscientes das necessidades dos alunos. Temos assistentes de apoio à aprendizagem. Se eu estiver doente, não há nenhum problema com as lições e os trabalhos de casa. Nos exames tenho mais tempo e tenho uma pausa, se necessário (Maria).

Eu estou numa escola regular e recebo apoio adicional. Sinto-me integrada. Eu sinto o mesmo que um aluno sem necessidades especiais. No meu país há professores de ensino especial nas escolas regulares para nos ajudar (Pauline).

Estou numa escola secundária onde não existem pessoas com necessidades especiais (Emile).

Eu estou numa escola regular, mas faço parte duma unidade de educação inclusiva. Recebo apoio e tempo extra para os exames (Honoré).

Eu gostava de ter condições, tais como, menos perguntas ou mais tempo durante os exames. São necessárias adaptações às minhas necessidades (Jakub).

Eu não benefico de apoio adicional na minha escola. Os meus colegas apoiam-me e ajudam-me, passando-me o trabalho de casa. Por vezes, eles entendem-me melhor do que os professores. Frequento uma escola regular e, na minha classe, sou o único com uma necessidade especial. Eles, de facto, não me ajudam uma vez que eu estou numa escola “normal” (Melanie).

Eu estou numa turma “normal” e a minha vida na escola é adaptada às minhas necessidades. Tenho um computador, uma mesa maior e



transporte para ir para a escola e para voltar para casa. Tenho tido muita sorte com os meus professores. Mas alguns professores não querem entender; se não está no currículo não querem ajudar e adaptar o programa (Lise).

Eu não precisava duma escola especial, mas não tive escolha porque a escola regular não tem o acesso que preciso (Betânia).

A escola regular fez de mim uma pessoa mais forte; preparou-me para o mundo real. É crucial preparar a educação inclusiva de forma adequada. Os materiais em formatos adequados são fundamentais. É preciso sensibilizar e ter instrumentos para ajudar a mudar as atitudes face às pessoas com diferentes necessidades (Gemma).

É bom ter apoio de pessoas de fora da equipa da escola que possam atuar como mediadores para os alunos com necessidades especiais. Havia professores que não queriam cooperar no trabalho de educação inclusiva para mim e para outros; os professores devem aceitar todos nas suas salas de aula. Para alguns alunos, as escolas especiais podem prepará-los para mais tarde ingressarem nas escolas regulares; a escola especial preparou-me para o ensino secundário regular (Wessel).

É muito importante ter colegas que me apoiam e ter o apoio certo durante o trabalho (Jože).

Na minha escola não havia alunos com deficiência até ao último ano; os colegas estavam apreensivos com a diferença (Keenan).

Eu tinha uma pessoa com deficiência auditiva na minha turma – o professor pediu-nos para a apoiar, mas era uma espécie de ama. Ser demasiado protetor não ajuda os alunos com deficiência, não é natural. A minha escola é acessível a utilizadores de cadeiras de rodas e também apoia alunos com deficiências visuais e auditivas. Temos seminários onde os jovens falam sobre a sua deficiência e recebem um maior apoio dos colegas (Asgerdur).

Eu frequento aulas regulares uma vez por semana – isso é muito importante. São fundamentais professores e colegas que ajudem – não era esse o caso no ensino primário, mas no secundário estou satisfeito (Łukasz).

Nós tínhamos um departamento separado para apoio adicional, mas também éramos apoiados por auxiliares que nos ajudavam a ler o



que estava no quadro, etc.. Um professor de deficiência visual fornecia equipamento (Katrina).

Há 38 meninos na minha escola especial de forma a haver menos conteúdos teóricos e mais trabalho prático. As turmas são muito pequenas, mas alguns materiais não são adequados, por exemplo, DVDs sem legendas. É sempre difícil quando um novo professor começa a trabalhar, uma vez que leva tempo a construir entendimento mútuo. As escolas deveriam ser mistas (rapazes e raparigas) (Simon).

O professor de TIC na minha escola também é deficiente. Isso ajuda-o a entender melhor as necessidades especiais – ele está mais familiarizado com os problemas dos seus alunos (Áron).

Diferentes deficiências necessitam de apoio diferente. Na minha escola eram utilizados microfones e alguns professores em turmas mais pequenas. A escola funcionava num piso térreo (acessível a cadeiras de rodas). Havia também ajudas técnicas para alunos com deficiência visual, tais como ampliadores e pausa de “tempo” para as pessoas com DAH, etc. (Elin).

Eu escrevo muito devagar e preciso de mais tempo para os testes, etc. (Philipp).

Eu tenho um amigo com dislexia que teve uma boa ajuda com um computador e tempo extra. Eram usados ficheiros áudio e apoio dos colegas, mas não eram disponibilizados de forma consistente (Klara).



Na tua opinião, quais são os principais benefícios e desafios que a educação inclusiva traz ou devia trazer para a tua educação?

Os jovens delegados expressaram o que consideram ser os principais *benefícios* que a educação inclusiva traz ou poderia trazer para eles. Estes incluem, entre outros fatores, ficar melhor preparados para, mais tarde, encontrarem um emprego, mais fortes e mais independentes, sabendo o que é a vida real, lutar contra a discriminação e os estereótipos, ter mais amigos, sentir-se “normal” e remover barreiras.

Aqui ficam os seus contributos:

É mais fácil conseguir um emprego quando se tem um diploma comum. É também mais fácil ser integrado na comunidade se estiver numa escola regular, do que se estiver numa classe com pessoas com deficiência (Melania, Carlo).

O principal objetivo das escolas é preparar os jovens para a vida real. Trabalhar/aprender em conjunto faz um futuro mais bonito (Jonas). Nas escolas especiais não sabem o que é viver numa sociedade normal (Wacław). É importante todos terem o mesmo diploma quando terminarem a escola . Esta iniciativa dar-lhes-á a oportunidade de serem incluídos na sociedade moderna (Laima e Kamilla).



É bom ter boas relações sociais, mas ter a oportunidade de conseguir um bom emprego é fundamental; a educação inclusiva dá essas oportunidades (Jože).

A educação inclusiva dá aos alunos com necessidades educativas especiais, prática para explicarem as suas necessidades – eles precisam de fazer isso na sociedade e quando têm um emprego (Barbara). A experiência às vezes é mais importante do que as qualificações. Quando sairmos da escola, outras coisas vão acontecer na sociedade (Leanne).

É realmente importante que as pessoas com necessidades especiais sejam incluídas na escola regular, porque os outros alunos podem aprender sobre a deficiência. Os alunos com e sem necessidades especiais podem aprender uns com os outros e trocar conhecimentos (Efstathios).

É importante aprender sobre as outras pessoas e as suas vidas; aprender com os outros através da troca de experiências (Charlotte, Diogo, Méryem, Zineb). Abre as mentalidades e ajuda a que haja menos discriminação (Aure). Outros podem refletir (Pedro) e aprendemos a aceitar as pessoas diferentes de nós (Andreani).

É bom para nós e bom para eles (Barbara). É importante reconhecer os benefícios para todos na turma (Sophie). A educação inclusiva ajuda as crianças a tornarem-se mais tolerantes, com mentalidades mais abertas (Sára).

Para eliminar todas as barreiras é preciso mudar as mentalidades; és parte de um quadro maior. Outros jovens devem desenvolver o seu entendimento: vivemos num mundo ignorante (Gemma).

Todos podem estar incluídos, não importa as dificuldades que têm (Robert). Todos devem ter oportunidade a uma educação inclusiva e a uma vida melhor (Tomas).

A educação inclusiva ajuda cada um a sentir que faz parte de um bom sistema (Triin). Dá a possibilidade de estudar e de não ter a sensação de “eu sou diferente” (Lucie). Todos são emancipados (Elmo). Também ajuda na superação dos limites de todos (Maria).

Tens experiências que eliminam os estereótipos. A educação inclusiva muda as atitudes das pessoas em relação à deficiência (John). Aumenta a tolerância e a compreensão face às pessoas com deficiência (Dean).



Se todos tiverem uma consciencialização das diferentes deficiências e das circunstâncias individuais das pessoas, não há problema com a educação inclusiva. O bullying acontece por causa da diferença – uma vez explicado, o bullying pára. A educação inclusiva ajuda todos a atingir o seu pleno potencial (Katrina).

A educação inclusiva não tem nada a ver com estar num ambiente que facilita a aprendizagem; na verdade, este deveria ser o mesmo para todos. As pessoas preferem aprender em turmas pequenas e deve ser assim para todos (Kamilla). Pessoas que estão em turmas grandes adormecem e, portanto, ninguém repara nelas. Nesses ambientes, os professores têm apenas dois minutos para cada aluno, enquanto todos podem precisar de dez. Estar no sistema normal dá a oportunidade de escolher e ser capaz de explorar o que queres e o que és capaz de fazer (Kamilla).

A educação inclusiva é boa para amizades (Betânia). É ter amigos – “um bando de bons companheiros”. Não apenas aprendendo juntos, mas andar bem (Sam).

Traz melhorias na comunicação e na interação (Markos). Traz melhorias na educação. A escola precisa de se tornar mais amiga do aluno (Alexandra).

A educação inclusiva deve tornar-se “normal”, mas as competências especiais precisam de ser adquiridas por muita gente para a fazer acontecer (Francesco).

Coisas simples – como ter todas as condições técnicas, computadores portáteis – são importantes (Betânia). A conscientização dos professores sobre coisas simples – como os níveis de ruído nas salas de aula – pode fazer uma grande diferença (Mathias). As possibilidades de trabalho individual, como programas de aprendizagem pessoais, são boas – apoio especial em algumas aulas é importante (Lucie). Ter em conta diferentes abordagens à aprendizagem – por exemplo, abordagens visuais de aprendizagem – é importante (Tomas).

Dá-me a oportunidade de interagir em grupos “normais” a alto nível. Um plano educativo individual é muito importante, mas os professores precisam de ser orientados – os alunos devem ser proativos (Tomas). É difícil ter o apoio correto, mas pode ser superado (Francesco).



Alterar a organização física das salas de aula para ajudar as relações sociais é bom (Robert). O ambiente social na escola é muito importante para alcançar a educação inclusiva (Jens).

Quanto mais juntarmos as pessoas com deficiência com as outras, mais rapidamente teremos atitudes positivas. Nunca são fornecidas todas as ajudas – as ajudas fornecidas nunca são suficientes – isto necessita de ser a principal iniciativa para tornar as pessoas mais autónomas. Para aqueles que estão incluídos, tem um significado social muito importante para a vida e apoia nos trabalhos de casa, depois das aulas, dentro e fora das atividades escolares. O desporto é uma forma importante de estar incluído na vida social (François).

Se os alunos com deficiência são separados, será mais difícil aumentar a consciencialização. Podem ser formados grupos mais pequenos, mas devem juntar-se, sempre que possível (Keenan). Turmas mais pequenas são melhores para alunos surdos, pois há muitas distrações se o ambiente é barulhento. Estar junto com os meus colegas surdos faz-me sentir uma pessoa “normal” (Elin).

É necessário um equilíbrio entre o tamanho do grupo e as necessidades. As pessoas com deficiência precisam de se sentir confortáveis em grupos maiores, mas a sociedade tem de se adaptar. Os alunos e as pessoas com deficiência precisam de aprender a viver juntos – com acesso para todos (Mei Lan).

A educação inclusiva é muitas vezes referida como dispendiosa, mas ao tentar poupar vamos acabar por pagar mais para lidar com os problemas (Daniel). Mesmo que um país não tenha muitos recursos, a educação inclusiva precisa de ser posta em prática. A educação inclusiva é um investimento, temos de investir nas pessoas; as pessoas são o único recurso. A educação inclusiva ajuda-nos a superar a nossa história – fortalece-nos (Jens).



Os jovens delegados também discutiram os principais *desafios* com que se confrontam no âmbito da educação inclusiva, incluindo a falta de compreensão da deficiência por parte de professores e alunos, a necessidade de uma mudança de mentalidades e de atitudes face à diversidade, o conhecimento limitado dos professores, as atitudes negativas, o acesso físico a edifícios e a necessidade de mais materiais didáticos adaptados e de ambientes de aprendizagem adequados.

Aqui ficam algumas das suas ideias:

A integração em jardim-de-infância, quando as crianças são muito novas, é muito difícil (Dagur).

Algumas pessoas têm falta de compreensão sobre as diferenças. As pessoas sem deficiência têm duas maneiras de lidar com as pessoas com deficiência: vão embora, não se importam e não tentam ajudar ou, mesmo não entendendo, tentam fazer perguntas e compreender. O meu pai costumava ter problemas quando eu era mais jovem, porque as pessoas não sabiam o que era DAH e meu pai não sabia como explicar. É importante que as pessoas saibam sobre todos os diferentes tipos de problemas. Especialmente em países como o meu, o problema com a deficiência é cultural. Nós fomos Vikings e as pessoas fracas não eram aceites pela comunidade e, por vezes, eram mortas. Esse tipo de cultura ainda está presente no meu país (Dagur).



A educação inclusiva, na sociedade em geral, ainda é difícil; pode, por exemplo, ser perigoso para nós atravessar a rua, porque as luzes da rua não estão adaptadas para pessoas com deficiência visual (Carlo e Melania).

As crianças rotulam-se umas às outras por estarem num programa especial. Um problema da educação inclusiva está conectado com todos os problemas sociais (Ingre).

O bullying é um problema na escola regular, bem como a falta de aceitação (Leanne).

Há progressos nas atitudes sociais em relação à educação inclusiva, mas ainda não é a principal prioridade (Jonas).

Entender os problemas de todos é também um desafio. As escolas e os profissionais devem compreender as dificuldades das pessoas e dar-lhes o apoio de que necessitam. Devemos chegar ao ponto em que não haja diferença na forma como as pessoas são tratadas e não haja discriminação, mas sim compreensão (Sam, Charlotte, Jere).

Professores e pais precisam de saber como usar o apoio técnico na escola e em casa; são necessários mais materiais de apoio (Elmo, Kanivar, Fé, Aure).

A educação inclusiva pode criar novas barreiras que precisam de ser superadas, tais como: atitudes dos professores (Wessel); barreiras na aprendizagem e sociais (Betânia); efeitos sociais e pressões dos pais (Triin); bullying (Sophie); origem social do aluno e condições de aprendizagem fora da escola (Gemma); transportes públicos (Francesco).

A formação de professores é realmente fundamental (Sophie). A formação de professores não oferece suficiente e correta informação sobre as questões da inclusão. As pessoas com necessidades especiais estão em apuros; mais apoio, por vezes, ocasiona mais problemas (Wessel). Muitas vezes, os professores não estão interessados em aprender sobre as necessidades especiais (Meryem).

O governo paga aos professores pelo seu trabalho e eles são pagos para “ser professor”, eles não estão interessados em “lidar com algo mais”. Assim, a maioria dos professores não se preocupa em aprender sobre as NEE (Laima).



As abordagens devem ser consistentes entre professores (Elin).

Os professores devem preocupar-se em prestar mais atenção aos jovens com deficiências (Robert). Numa turma com alunos com deficiências, o professor não pode estar a dar muita atenção aos alunos com deficiências. Os professores precisam de encontrar um equilíbrio entre o apoio a alunos com e sem deficiências (Daniel).

No meu país as pessoas ajudam muito (Kamilla).

Nós não temos assistentes de apoio na universidade. Também precisamos de eliminar a discriminação e o bullying. Alguns alunos estão cientes das deficiências e ainda gozam comigo por causa do meu DAH (Maria).

Nós temos sempre a impressão de que precisamos de pedir ajuda. Não é algo que venha automaticamente. É um longo processo até chegar ao que precisamos (Pauline).

Os professores devem falar aos alunos sobre as deficiências – os alunos nas escolas regulares não podem decidir o que podem fazer para ajudar e apoiar (Aron). A sensibilização sobre a deficiência deve fazer parte do currículo (Katrina).

Dois ou mais professores (assistentes) numa sala de aula inclusiva, devem trabalhar como uma equipa; esta é uma competência em que os professores devem ser treinados. O professor deve receber o apoio de especialistas para decidir qual o tempo adicional necessário para alunos com deficiências (Philipp).

Os cortes do governo estão a ter impacto no apoio – pessoas como os mediadores estão a perder os seus empregos. O dinheiro está a ir para as escolas mas é tão disfuncional que significa que os professores “normais” têm de prestar o apoio e eles não são capazes (Wessel).

Diferentes profissionais devem trabalhar juntos. A nova geração de professores é melhor formada para compreender as pessoas com deficiência e para dar melhores aulas – estamos a seguir na direção certa. A lei é boa mas os professores precisam de conhecimento e de compreensão sobre a deficiência visual/outras deficiências. São necessárias mais ajudas técnicas para garantir que pessoas com deficiências tenham informação acessível (Françóis). O acesso físico dos edifícios é importante (elevadores, portas automáticas, interruptores acessíveis, etc.) (Thomas). No caso dos testes, é



necessário tempo extra (Łukasz). São necessários sistemas internos de apoio para os alunos com deficiências. O apoio externo pode fazê-los sentir diferentes e isolados (Mei Lan). São necessários mais *e-books* e audio-livros para aqueles que têm baixa visão (Łukasz, Aron).

Os maiores desafios são as atitudes e o conhecimento das pessoas – é como viver num lugar escuro (Triin). É um verdadeiro desafio ter que explicar aos outros o que precisas – é difícil tornar os outros conscientes dos teus limites. É muito difícil quando tens que fazê-lo várias vezes. Há limitado contacto social entre alunos com e sem necessidades especiais (Barbara).

A sociedade não aceita as pessoas com alguns tipos de dificuldades, mas a aceitação social é crucial (Robert). Existe um estigma em torno da deficiência que deve ser removido. No Parlamento Jovem tivemos formação, por exemplo, sobre a epilepsia e sobre como prestar apoio. Em contextos regulares, os alunos com deficiências têm de explicar constantemente os seus problemas aos novos professores e aos colegas. É necessária continuidade na informação sobre a avaliação (Keenan).

As pessoas nem sempre sabem como comunicar efetivamente, ou de diferentes maneiras (Tomas). O comportamento inadequado dos pares é mau para todos (Lucie). As coisas simples podem ser uma batalha o tempo todo (Betânia). A comunicação é importante – algumas pessoas têm maus hábitos – deve ser “livre de tabu”. As pessoas cegas não têm, todas, os mesmos problemas – é muito complexo (Sara).

No caminho para a educação inclusiva, devem ser mais consideradas as questões psicológicas do que as questões práticas. Com uma deficiência “oculta”, como a síndrome de Asperger, as pessoas precisam de lembrar – eles fazem suposições. A educação precisa de ser prestada de acordo com as necessidades – pequenos grupos também são importantes para as pessoas com Asperger. O conhecimento e a experiência sobre um determinado tipo de deficiência são mais difíceis de adquirir na educação inclusiva, do que em escolas especiais para alunos com a mesma deficiência. Os profissionais nem sempre têm o conhecimento e perguntam “quais são os teus problemas”? Nós todos somos indivíduos – a minha maneira de pensar autista interage com quem eu sou (Daniel).



Todos entendem a educação inclusiva de forma diferente; não existe uma definição comum de educação inclusiva e este é um desafio. É necessária uma maior conscientização – não podemos seguir em frente até que todos estejam cientes da deficiência (Katrina).



Comentários e propostas

Os jovens delegados também foram convidados a contribuir com comentários gerais e propostas. Foram as seguintes:

A diversidade é positiva; é importante preparar as pessoas desde o início, para trabalharem com as crianças, para construírem uma geração melhor (Dagur).

Os estudantes não devem ser desencorajados, de forma alguma (Robert). É necessário terem confiança em si próprios (James). É importante que os professores acreditem em mim (Efsthios). Os professores devem prestar mais atenção ao que os alunos podem fazer do que aquilo que não podem. As pessoas devem ver para além da deficiência. Eu sou surda – não sou eu, apenas os meus ouvidos. Há uma diferença entre mim e a minha perturbação. Os professores precisam de ter conhecimentos sobre a deficiência. Precisamos de mais atividades em conjunto – fora da escola, lazer, desporto, etc – para nos divertirmos (Elin).



Não há oportunidades suficientes para passar o tempo em grupos de voluntários ou em atividades sociais após a escola. Há vida depois da escola (Arvydas).

Precisamos de estar preparados para o futuro. Na escola, os professores sabem quem são os alunos com deficiência. No mundo “real”, as pessoas têm que cuidar das pessoas com necessidades especiais (Melanie). As pessoas com deficiência têm de aprender a comportar-se em sociedade (Marie).

Os professores têm de estar abertos a compreender o que o aluno quer e como apoiá-lo (Nana-Marie). Podes ser bom num assunto e mau noutra, mas os critérios não devem impedir de estudar certas áreas (Daniel).

Os professores devem fazer tudo para que, tanto quanto possível, todos possam aprender para atingir os mesmos padrões. Os jovens com deficiência devem ser envolvidos nas decisões. Eles estão na vanguarda das decisões sobre si mesmos (Keenan). Todos devem estar envolvidos, sejam ou não diferentes – cada um é o que é (Katrina).

Devemos olhar para a pessoa – não para a deficiência – e usar tudo o que temos para fazer melhor as coisas (Asgerdur).

Os alunos com deficiência devem tomar as suas próprias decisões e ter as mesmas oportunidades de se envolverem em questões sobre a sua educação – direito a ter voz na educação (Klara). Temos o direito de tomar as nossas decisões (Wessel).

As pessoas a apoiar devem participar no conselho de recrutamento de profissionais para apoio à aprendizagem; devem ser envolvidos na tomada de decisões. Deveria haver modelos inspiradores (Sam, Charlotte, Jere).

Precisamos de ter “Escolas sem Barreiras”. Todos podem beneficiar da educação inclusiva, incluindo as pessoas sem deficiência (Elmo, Kanivar, Aure, Fé). Precisamos de mudar as atitudes dos alunos sem necessidades especiais em relação à deficiência (Emile).

A educação inclusiva é uma boa ideia – está aberto um novo mundo (Lucie).

Finalmente, houve um conjunto de opiniões partilhadas por muitas delegações, tais como:



- Em termos de turmas inclusivas, os jovens delegados esperam que os professores e os “outros alunos” façam mais esforço para compreender e incluir os alunos com deficiência;
- Os jovens delegados reconhecem que é importante reduzir o número de alunos por turma ou formar turmas mais pequenas, e promover o desenho universal nos edifícios e nas instalações na sociedade em geral;
- É importante receber apoio, sem ter de lutar por ele;
- A preparação dos colegas de turma deve ter mais em conta as necessidades individuais e as atitudes;
- A educação inclusiva difere de país para país, bem como dentro do mesmo país.

Em conclusão, deve ser realçada a qualidade, a transparência e a profundidade das discussões dos jovens delegados. Foi evidente a maturidade das opiniões expressas, bem como o interesse em contribuir para a implementação daquilo que realmente é a educação inclusiva: igual acesso à educação, qualidade da educação para todos e respeito pelas diferenças.

A transcrição completa das discussões de cada um dos grupos pode ser encontrada no website da Agência em: <http://www.european-agency.org/agency-projects/european-hearing-2011/results-files>



COM OS OLHOS POSTOS NO PASSADO E NO FUTURO

Agora, em 2012, parece o momento certo para refletir sobre as ideias apresentadas por todos os jovens delegados desde a primeira Audição, em 2003. Os três eventos envolveram um total de 238 jovens que foram convidados a fazer comentários e a apresentar propostas sobre educação inclusiva. O objetivo das três “audiências” foi ouvir as opiniões dos jovens, a fim de se compreender melhor a forma como a educação inclusiva é implementada na prática, na perspectiva do utilizador final.

As opiniões dos jovens sobre a educação inclusiva não devem ser consideradas menos relevantes do que aquelas expressas por profissionais ou académicos. Os resultados das três Audições demonstram, claramente, que os jovens podem, de forma fácil e concisa, expressar os mesmos tipos de observações que são feitas por especialistas da área.

Este documento não pretende apresentar uma análise longitudinal da evolução, desde 2003; foram designados diferentes jovens para cada uma das Audiências, de diferentes níveis de educação e foram envolvidos jovens sem necessidades especiais ou deficiências, pela primeira vez, em 2011. A principal preocupação é destacar as semelhanças e diferenças entre os comentários e as preocupações expressas desde 2003, bem como realçar as principais propostas apresentadas em todas as Audições.

Ao longo dos anos, os jovens manifestaram satisfação com a educação em geral, independentemente de frequentarem escolas regulares ou especiais. Todos enfatizaram a importância de receberem uma educação e uma formação de qualidade e salientaram o papel fundamental da educação para os ajudar a encontrar emprego, a ampliar e a fortalecer as relações sociais e a preparação para a vida futura.

Todos os jovens se manifestaram a favor da educação inclusiva e – apesar das experiências negativas de alguns – realçaram que a educação inclusiva é benéfica para todos os alunos. Os participantes na Audição de 2011 deram explicações precisas sobre o que a educação inclusiva deve ser, o que significa para eles e os benefícios que pode oferecer a todos. Jovens sem necessidades especiais ou deficiências foram capazes de descrever explicitamente a razão pela qual a educação inclusiva é uma experiência



enriquecedora, uma vez que abre as mentalidades e ajuda a combater estereótipos.

Os participantes, na sua grande maioria, frequentam contextos regulares e reconhecem as diferenças na educação inclusiva, entre e dentro dos países, bem como a presença de áreas em desenvolvimento. Consideram, contudo, que a educação inclusiva é um direito. Este direito inclui a igualdade no acesso às oportunidades educacionais, recebendo o apoio necessário para aproveitar ao máximo essas oportunidades, e o ser tratado com respeito.

O direito à educação inclusiva também significa ser envolvido e ter direito a decidir sobre a futura colocação educativa. Com efeito, nas três Audiências, os jovens manifestaram o desejo de participarem plenamente em todas as decisões que lhes dizem respeito.

Em 2003, os participantes salientaram essa questão no contexto de não quererem enfrentar o futuro em casa, sem emprego. Este sentimento foi, uma vez mais, expresso em 2007 como um desejo comum de viver tão independente quanto possível. Em 2011, os jovens delegados realçaram que um dos principais benefícios da educação inclusiva é receber uma boa educação que os prepare melhor para a vida independente.

Para os jovens, a educação inclusiva é uma celebração da diversidade e as preocupações não são apenas a escola, mas também a sociedade como um todo. Só pode ser plenamente alcançada quando as barreiras são derrubadas e as atitudes alteradas. A este respeito, os jovens continuam a realçar duas áreas particulares, como desafios em curso – acesso e atitudes e conhecimentos dos professores.

O acesso engloba não só a acessibilidade física dos edifícios, mas também o apoio técnico necessário, acessível e eficiente, e o apoio educativo prontamente disponibilizado.

Os participantes também comentaram que os professores nem sempre estão cientes, ou não prestam atenção à presença de uma gama de necessidades de aprendizagem. Os professores não têm a experiência necessária e, muitas vezes, concentram-se nos pontos fracos dos alunos e não nas áreas fortes.



Apesar destas observações, os jovens não são negativos sobre os seus professores, mas pedem um novo tipo de professor: bem preparado e confortável num sistema de educação inclusiva.

À luz desses desafios, os participantes na Audição 2011 apresentaram propostas concretas e práticas sobre melhorias que apoiem a educação inclusiva na escola e na sala de aula. Pediram aos decisores que garantam que todas as escolas tenham a acessibilidade física necessária e os recursos de apoio adequados, incluindo pessoal de apoio na sala de aula que possa responder a todas as necessidades dos alunos.

Destacaram as vantagens de turmas pequenas e de programas individuais de aprendizagem, com salas bem equipadas para descanso ou para apoio adicional, sempre que necessário. Realçaram, também, a necessidade de exames adaptados (por exemplo, tempo extra), bem como a possibilidade do prolongamento por um ano, de modo a que todos os alunos possam atingir o mesmo nível de realização, sem necessidade de apoio adicional. A este respeito, sublinharam que a mesma educação significa obter as mesmas qualificações.

Não pode haver dúvida de que as três Audições foram benéficas para os jovens participantes – o que tem sido confirmado pelo *feedback* recebido desde 2003. Este benefício estende-se, para além dos jovens, às suas escolas, professores e alunos envolvidos nas discussões preparatórias. Os resultados encontrados, na sequência da Audição de 2011, demonstram, claramente, este impacto: os jovens e os profissionais que os acompanham têm tido várias iniciativas na sequência da Audição, como escrever artigos em revistas e jornais, usando e-ferramentas como o Facebook e o Twitter e páginas Web em sites escolares.

A Agência vai tomar medidas para assegurar a maior disseminação possível deste relatório e não vai esquecer as propostas sérias e os pedidos expressos por todos os jovens delegados.

Juntamente com os delegados, os seus familiares, profissionais e decisores, a Agência irá trabalhar no sentido da implementação de uma educação de qualidade, sem barreiras, onde todos sejam diferentes e respeitados e onde, como os jovens delegados disseram: somos todos de diferentes cores, mas juntos podemos fazer um arco-íris.



JOVENS DELEGADOS NA AUDIÇÃO NO PARLAMENTO EUROPEU 2011

Seguidamente constam os nomes dos 88 jovens delegados que participaram na Audição de 2011 no Parlamento Europeu:

Aure AFLALO	Keenan ALEXANDER
Carlo ANDERHALDEN	Maria BARANDUN
Efstathios BEKYRAS	Méryem BELGHAZI
John BENNINGTON	Markos BOTSOS
Robert BOYLE	Elin Johanna BRANDT KORALL
Pauline BRASSEUR	Chiara BRIZZOLARI
Wessel BROEKHUIS	Maria BUGEJA
Claudia BURATTINI	Fabian CAMARA ALCAIDE
Jens CAMILLERI	Tomáš ČERNÝ
Alexandra CHRONOPOULOU	Rolands CINIS
Leanne Alice COLE	Nana-Marie DALE REICHEL
Charlotte DARBY	Yohana Angelica DEL PINTO
Honoré D'ESTIENNE D'ORVES	Samantha DRYDEN-SILLARS
Wacław DZIĘCIOŁ	Klara Linnea Astrid ELFSTEN
Zsófia FAZEKAS	João FONSECA
Barbara GEHER	Sára GERGELY
Josette GRAÇA SILVA	Melania GROTTI
Kanivar GÜLER	Andreani HADJISTERKOTI
Sophie Bethan HANNAWAY	Asgerdur HEIMISDÓTTIR
Lucie HRDINOVÁ	Ingre IMALA
Jakub JARMUŁA	Diogo JESUS NETO
Dagur JÓHANNSSON	Þórdur JÓNSSON
Domen KAISER	Dean KELLY
Orlando KROHN	Thomas KROYER

Joži KUMPREJ	Robert LÄTT
Mei LAN NG	Marie LAURITZEN
Artūras LAURYNAS	François LE BEL
Laima LIEPINA	Fé LINDEN
Rebeca LÓPEZ RUANO	Nika LUŠNIC
Mathias MACHIELSEN	Gemma MACKINTOSH
Jere Nicholas MAHLAKAARTO	Emile MAINKA
Tuomas Kimmo Johannes MANNI	Daniel MARTIN
James MARTIN	Simon MCDOUGALL
Stefanos MELAS	Audrey MESUREUR
Sofie MONGGAARD CHRISTENSEN	Jonas NENORTAS
Michalis NICOLAOU	Melanie NIELSEN
Áron ÓCSVÁRI	Elmo PESIN
Triin PUUSEPP	Pedro ROMERO JIMÉNEZ
Zineb SAOUI	Daniel Alexander SCHOUTEN
Francesco SCICLUNA	Edgars ŠENINŠ
Łukasz ŚMIETANA	Kamilla SØLYST BJØLSETH
Bethany STALEY	Philipp STEINBERGER
Katrina THOMSON	Lise TØRLEN
Mirjam WOLFF	Arvydas ZAGARAS



PT

Em Novembro de 2011, a Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial acolheu uma Audição no Parlamento Europeu, em Bruxelas. Os países membros da Agência designaram 88 jovens, com e sem necessidades educativas especiais e/ou deficiências, dos ensinos secundário e vocacional, para discutirem o que significa a educação inclusiva para eles próprios.

O evento pretendeu dar, a organizadores e participantes, a oportunidade de ouvirem os jovens e de registarem os progressos ocorridos nos respetivos países, desde 2007, em matéria de educação inclusiva. Cada um dos jovens salienta questões importantes sobre a forma como a educação inclusiva está implementada bem como os benefícios e os desafios. A importância da educação inclusiva foi repetidamente mencionada nos debates sendo, claramente, um tema comum na vida escolar dos jovens.



European Agency for Development in Special Needs Education

